

## Comunicação, Cultura e Poder: os processos contra hegemônicos em Lima Barreto<sup>1</sup>

Rafael da Silva Lopes<sup>2</sup>, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

### RESUMO

Este trabalho pretende demonstrar a construção contra hegemônica de Lima Barreto em seus textos jornalísticos/literários. E conseqüentemente a crítica que o autor dirigia ao jornalismo praticado em sua época. Num momento histórico no qual o Brasil saía da monarquia e entrava em seu período republicano, o autor percebeu que as promessas de mudanças políticas e sociais não modificou de maneira geral a relação entre as elites e a população.

**PALAVRAS-CHAVES:** Jornalismo; Contra hegemonia; Lima Barreto

### TEXTO DO TRABALHO

As reflexões de Lima Barreto revelam através dos vestígios de sua produção jornalístico/literária a imagem alternativa de Brasil, uma visão popular, do início do século XX. Através de seus textos temos a possibilidade de analisar o passado nacional, num sentido diferente ao que foi imposto pela classe dominante. O intelectual orgânico nos oferece a trilha para a compreensão de determinações que perduram até os dias de hoje. Nesse sentido, a obra do autor adquire a dimensão política formulada por Gramsci de superação da “mera recepção passiva” à “conscientemente para a totalidade das relações subjetivas e objetivas”. É pensar sua visão de mundo como ferramenta de uma práxis transformadora.

O fenômeno artístico-ideológico da obra de Lima deve ser contextualizada pela carência de uma rede de produção intelectual identificada com o universo popular no período em que viveu o escritor. Dentro de uma época, marcada pelo domínio de uma literatura elitista, incapaz de construir uma consciência crítica no Brasil e de Brasil; é aí que se evidencia a importância da produção de Lima Barreto para a cultura brasileira.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP História do Jornalismo do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.  
<sup>2</sup> Mestrando da linha de Comunicação e Mediações Socioculturais da Escola de Comunicação da UFRJ:  
silvalopes.rafael@gmail.com

---

Ou seja, a importância do caráter *nacional-popular*<sup>3</sup>, a articulação orgânica entre intelectual e massa, da obra barretiana para a cultura brasileira.

Trabalho intelectual que surge como representação da tentativa de renovação de nossa literatura, buscando na imersão em meio à realidade social brasileira do início do século XX, para ressignificá-la; e extrair daí um novo caminho para o povo brasileiro, para a política do país. Como nos aponta Carlos Nelson Coutinho, uma literatura que criasse os vínculos comunicacionais necessários para que a população tivesse a compreensão de seus problemas concretos, criando assim uma consciência de mundo capaz de produzir as condições para superação de questões históricas nacionais. Esse é o ponto de análise do intelectual Lima Barreto como representante dos marginalizados, que buscou elaborar uma concepção de mundo, de vida, portanto de comunicação e cultura, onde houvesse efetivamente a participação do povo.

A produção intelectual do escritor/jornalista se apresenta como alternativa à “via prussiana”<sup>4</sup> dos literatos de sua época.

A intenção de criar uma democracia popular, defendida pelo autor de *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, merece a análise dentro de uma perspectiva totalizante do significado de sua obra, dentro da cultura brasileira. A crítica dirigida aos literatos de sua época e a busca por apresentar personagens à margem fazem parte de um projeto social que seguia na contracorrente, onde a participação efetiva da população e a construção de uma literatura que refletisse reais valores humanistas fossem possíveis.

### **A imprensa e a sociedade civil**

Na análise marxista sobre a ação do Estado temos uma importante reflexão para que se possa compreender a tomada de posição elite brasileira durante a passagem da monarquia à república, que manteve os privilégios de uma minoria. Ademais, naquele momento, a sociedade civil não havia amadurecido ao ponto de ter condições de realizar pressões substanciais ao poder hegemônico. Sindicatos, partidos políticos, sufrágio universal ainda não faziam parte do repertório de socialização, da participação política do povo.

---

3 Conceito de Antonio Gramsci que o formula como via alternativa à cultura elitista italiana, por conta da característica de implementação do capitalismo em seu país, numa revolução que aconteceu “pelo alto”, sem que os intelectuais criassem um vínculo com o povo. Ou seja, na visão do pensador, esse distanciamento entre literatos e artistas, se deve a não participação da população nesse período transitório. Carlos Nelson Coutinho se apropria dessa categoria ao analisar as linhas de evolução da literatura nacional.

4 Carlos Nelson Coutinho se utiliza deste termo de Lenin para designar o caminho lento e irregular do progresso social brasileiro

---

Para Gramsci a formação de sujeitos políticos coletivos só pode ocorrer no capitalismo desenvolvido. O capitalismo tardio brasileiro parece ser a principal origem para explicar a falta de articulação entre os intelectuais e os sujeitos políticos coletivos. Não é afirmar que não houvesse organizações de massa no Rio de Janeiro. É sabido que os estivadores, por exemplo, possuíam além de sindicato, jornais. Porque numa perspectiva gramsciana são essas instituições e organizações que vão criar o elo orgânico entre a produção intelectual e o apoderamento das massas.

A falta de socialização da política no Rio de Janeiro do século XX, fazia as incipientes organizações estarem mais próximas do conceito althusseriano de “aparelhos ideológicos de Estado”. Pois não havia na relação entre a esfera política e as instituições uma distinção de limites de atuação, de maneira geral. Ou seja, escola, igreja etc ainda estavam amarrados aos interesses de Estado, enquanto “sociedade política”.

Para que Lima Barreto tivesse em vida, muito mais do que o reconhecimento de grande escritor, mas a aproximação de sua proposta política à população, seria necessário que os “aparelhos privados de hegemonia” tivessem mais força.

Essa distinção entre os conceitos de Althusser e Gramsci se faz necessário pela seguinte questão: em primeiro lugar, pela própria característica peculiar do capitalismo brasileiro, que sem a efetiva quebra da classe dominante, não permitiu uma (re) organização da sociedade civil. Como crítica Machado de Assis no romance Esaú e Jacó, apenas a placa da padaria foi trocada, mas a lógica interna permaneceu a mesma.

E o outro destaque é o próprio Lima Barreto quem nos traz. Não é à toa que o escritor percebia ao ponto de afirmar “O quarto poder fora da constituição”, a imprensa como a via possível para a disputa de concepções de mundo. A política para ele já havia falhado quando a República brasileira não foi sequer capaz de abrir espaço, democraticamente, às diversas vozes reivindicatórias que se levantavam naquele momento. Ele percebia que as instituições nacionais eram meros títeres do interesse da classe dominante.

Apesar dos limites da atuação da imprensa no século XX, como destaca Eduardo Granja Coutinho (Coutinho 2008), a aproximação do jornalismo a temas populares, ao cotidiano da cidade realiza um giro não apenas no plano discurso. Essa nova forma de comunicar cria o *medium* social por ter certa autonomia em relação ao Estado. E essa característica da imprensa como mediador social o destaca como um campo de disputa pela hegemonia.

---

Jornalismo e literatura andavam juntos. Todos os grandes homens de imprensa também eram, simultaneamente, escritores consagrados. Eram agentes coletivos capazes de aglutinar prestígio em torno de suas ideias junto a parcelas significativas da sociedade. Lima Barreto demonstra ter consciência de que era preciso modificar as práticas de saberes das instituições para que se chegasse a transformação concreta da realidade. A falta de uma sociedade civil organizada e forte, asfixiava a necessária articulação entre a produção barretiana e o povo. Vale destacar que após a publicação de seu primeiro romance “Memórias do escrivo Isaiás Caminha”, em 1909, Lima Barreto sofreu forte boicote por parte dos círculos intelectuais. O que o afastou da colaboração na grande imprensa e, conseqüentemente, de seu horizonte militante.

Mas Lima Barreto estava correto em direcionar sua crítica a esse alicerce, ao elitismo vazio de uma parcela dos escritores. E esse posicionamento do homem-de-imprensa apontava para a certeza da capilaridade social que a tomada de posição que um jornal, por exemplo, O Correio da Manhã, possuía dentro a população carioca. Os temas dos jornais facilmente se transformavam em tema de discussões e conversas nos famosos cafés, nos círculos universitários etc. E é por identificar a imprensa como a primeira organização da sociedade civil brasileira de seu tempo é que Lima Barreto vai insistir na literatura enquanto caminho possível de transformações sociais. “Ah! A Literatura ou me mata ou me dá o que eu peço dela”. Para ele, a literatura não deveria ser o “sorriso da cidade”. Parafraseando Marx, Lima acreditava que ao literato não cabia apenas a interpretação do mundo, o que importava era a sua transformação.

### **Vida material: a base da consciência de Lima Barreto**

Para Marx, em a Ideologia Alemã, “São as relações materiais, concretas, que os homens estabelecem entre si que explicam as ideias e as instituições que criam. Por isso mesmo, para se ter uma compreensão adequada da realidade, não se pode nem partir nem permanecer no mundo das ideias. É preciso buscar a conexão do que elas têm com a realidade objetiva.” (ideologia alemã)

Para que os indivíduos criem suas concepções de mundo, as ideologias, é necessário um tipo de saber, proveniente da realidade social. Eles são o conjunto das relações sociais. Lima Barreto foi atravessado pelos valores de seu tempo. A sua escrita é o tempo inteiro um convite a sua visão de mundo. “A realidade social não é feita de partes autônomas, que possam ser compreendidas isoladamente. A realidade social é

---

uma totalidade, ou seja, um conjunto de partes que, tendo o trabalho como sua matriz vai se configurando ao longo do processo histórico-social”.

Em 1902, com 21 anos, Lima Barreto iniciou sua carreira no jornal estudantil *A Lanterna*, e depois disso só parou em novembro de 1922, por ocasião de sua morte, aos 41 anos. O autor localiza-se historicamente num período marcado por profundas e conturbadas transformações sociais, econômicas e políticas na então capital do país, o Rio de Janeiro.

O futuro escritor nasceu em 1881 e sete anos mais tarde, presenciou no Largo do Paço a assinatura da abolição da escravatura, pela princesa Isabel. Em 1889, viu surgir a República e toda uma reforma política, um reformismo que ocorreu “pelo alto”.

Em 1905, ele entra na redação de um dos maiores jornais do Rio, o *Correio da Manhã*. Nesse período também ocorre um dos principais eventos cariocas do século XX, a política do “bota abaixo”<sup>5</sup>, com as modificações urbanísticas pelas quais passou a Capital Federal, momento conhecido como *belle époque*.

Mais tarde, por uma série de fatores, de agosto de 1914 a fevereiro de 1920, Lima Barreto tirou uma série de licenças das atividades como amanuense do Ministério da Guerra, lugar que ocupava desde 1903, para tratamento. A passagem pelo Hospital Nacional de Alienados, na Praia Vermelha, na Urca, em 18 de agosto de 1914 e em 1918, deu origem ao romance incompleto *O Cemitério dos Vivos*, que Lima Barreto retirou dos apontamentos do *Diário do hospício*.

A aposentadoria em 1918 de Lima Barreto representou a quebra do vínculo que o autor acreditava ser um empecilho à posição crítica acerca da política nacional e foi responsável pelo momento mais produtivo da carreira como jornalista. “Aposentado como estou, com relações muito tênues com o Estado, sinto-me livre e feliz, podendo falar sem reboços sobre tudo o que julgar contrário aos interesses do país.”<sup>6</sup>

A imbricação desses fatos, por sua vez, cria em Lima Barreto uma concepção de “mundo radicalmente diferente daquela que orientava a construção da sociedade burguesa”. Essa tomada de perspectiva crítica foi a base necessária para que ele pudesse direcionar a sua luta pela criação de uma nova ordem social. “Essa exigência de mudar a

---

5 Momento conhecido pela política adotada pelo então prefeito da cidade do Rio Pereira Passos (1902 a 1906) juntamente com Oswaldo Cruz, diretor da saúde pública, que culminou na execução de um plano de reforma urbana e sanitária. A demolição dos velhos cortiços e favelas que ficavam no Centro da cidade, com o argumento de eliminar focos de doenças, além, é claro, de promover modificações no traçado urbanístico nos moldes de Paris.

6 BARRETO, Afonso Henriques de Lima. *Toda Crônica*. Apresentação e notas Beatriz Rezende; organização Rachel Valença. Rio de Janeiro: Agir, 2004, Volume II, p. 7.

---

consciência conduz à exigência de interpretar de outro modo o que existe, ou seja, de reconhecê-lo por meio de outra interpretação”.

São os indivíduos reais, a sua ação e as suas condições materiais de vida, tanto as que encontraram quanto as que produziram pela sua própria ação

Apesar de se situar no período conhecido como jornalismo literário, caracterizado pela linguagem mesclada da observação direta de  *fatos*  (do cotidiano), com a utilização de recursos da literatura para contar as histórias, mesmo com traços considerados fictícios, o gênero informativo não se perdeu e hoje é considerado fonte de pesquisas científicas. A crítica dirigida por Lima Barreto aos intelectuais brasileiros, fz tinha na formação histórico-social sua principal fonte.

De acordo com Carlos Nelson Coutinho, o termo que Lenin cunhou “via prussiana” se refere ao modelo de evolução no qual a alteração social ocorre com a conciliação entre o “velho” e o “novo”, ou seja, ao invés de ocorrer a fissura entre formas políticas distintas, há um tácito acordo entre frações, que a princípio representam concepções de mundo antagônicas. Ocorrendo assim um reformismo “pelo alto”, sem a participação popular. No cenário desse tipo de evolução está a passagem da Monarquia à República brasileira. “No quadro desse profundo divórcio entre povo e nação, torna-se assim particularmente difícil o surgimento de uma autêntica consciência democrática-popular”<sup>7</sup>. Parece que exatamente essa característica de evolução à brasileira recaiu significativamente na produção dos escritores. Somado a esse fator, os intelectuais tinham no Estado uma das principais formas de sustento e rede pessoal para o prestígio necessário, com o intuito de alcançar o tão sonhado lugar de escritor consagrado.

Então, não seria difícil de verificar que a produção literária desses escritores, consequentemente a concepção de cultura, estivesse totalmente amarrada aos interesses dos aparelhos ideológicos dominantes. O “intimismo à sombra do poder”<sup>8</sup> foi o caminho de nossa literatura, da nossa cultura e da nossa comunicação. Como consequência dessas linhas gerais de desenvolvimento, os intelectuais brasileiros foram conduzidos a um determinado isolamento em relação a este processo. Determinado, porque, como enxerga Lima Barreto, essa direção não foi tomada sem o consentimento e consciência dos homens das letras. Esse intimismo fez com que os literatos, que também eram

---

7 COUTINHO, Carlos Nelson. O significado de Lima Barreto em nossa literatura, in *Cultura e Sociedade no Brasil: ensaios sobre ideias e formas*, p 93. São Paulo: Ed Expressão Popular, 2011.

8 Termo de Thomas Mann que Carlos Nelson se utiliza para apontar o tipo de condução literária que predominou no Brasil, distanciado da vida social, aristocrático.

---

homens da imprensa, dirigissem suas penas à criação de um ambiente fetichizado, idealizado e distante da realidade nacional popular, representado por duas principais correntes: o romantismo e o naturalismo.

O que Lima Barreto busca criticar na intelectualidade brasileira insistentemente é justamente esse distanciamento, essa relação de poder dos escritores em relação à vida concreta da população. Em seu plano estético, da concepção comunicacional, ele defende a função social do escritor como a figura responsável pela condução da construção de uma alternativa democrática, que levasse em conta, de fato, o povo brasileiro. “Tanto em sua obra estética, quanto em sua produção jornalística, o romancista carioca rompe decisivamente com qualquer versão do “intimismo à sombra do poder”, afirmando com clareza a dimensão humanista do ofício literário”<sup>9</sup>

Por esse motivo, ainda de acordo com Carlos Nelson, a obra de Lima Barreto se liga ao conceito de “nacional-popular”. Porém, é preciso deixar claro que essa característica geral de sua obra não está ligada a uma tomada consciente de uma ideologia ou concepção progressista de sociedade predeterminada do autor ou como imposição de uma determinada vertente estilística. O DNA dessa prática reside na angulação, no posicionamento pessoal do escritor ou artista perante o seu tempo histórico.

Enquanto o realismo como método (e não como estilo) pode ser considerado o fator que unifica *a posteriori* o nacional-popular no terreno estético, no caso do pensamento social esse fator me parece residir numa concepção *humanista e historicista* do mundo, ou seja, numa concepção que afirma o papel da práxis na transformação das estruturas sociais e que concebe a ciência como um dos instrumentos para iluminar e guiar essa práxis transformadora (...)<sup>10</sup>

De forma empírica, Lima Barreto parece distinguir, através de seu forte caráter humanista, a diferença entre o intelectual tradicional e o intelectual orgânico de Gramsci. Lima se apresenta imediatamente como esse intelectual que percebe nas novas configurações das relações sociais, a necessidade de “organizar uma nova cultura”. Vemos essa linha do intimismo ser criticada pelo escritor, no seu romance inaugural *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, publicado em 1909, “O pensamento comum dos empregados em jornais é que eles constituem, formam o pensamento do nosso país,

---

9 COUTINHO, Carlos Nelson. *O lugar de Lima Barreto na Literatura*, p. 140, in *Cultura e sociedade no Brasil: ensaios sobre ideias e formas*. São Paulo: Ed Expressão Popular, 2011

10 COUTINHO, Carlos Nelson. *Cultura e Sociedade no Brasil: ensaios sobre ideias e formas*, p. 57, São Paulo: Ed Expressão Popular, 2011

e não só formam, mas são a mais alta representação dele”<sup>11</sup>. Esse trecho do livro está em sintonia com a concepção gramsciana sobre a importância da criação de uma nova camada de intelectuais, ligada à vida prática, como construtores e organizadores sociais. “O tipo tradicional e vulgarizado do intelectual é fornecido pelo literato, pelo filósofo, pelo artista. Por isso, os jornalistas – que creem ser literatos, filósofos, artistas – creem também ser os ‘verdadeiros ‘ intelectuais”<sup>12</sup>.

Outro destaque que merece ser apontado do período em que viveu, Lima Barreto foi a introdução das teorias eugênicas no país. Esse fator não explica apenas a situação precária em que viviam os negros nos primeiros anos da República, esclarece também o descrédito intelectual da “sub-raça”.

Segundo Marilena Chauí<sup>13</sup>, inspirados pelo naturalismo evolucionista e pelo positivismo, os defensores da ideia, representados principalmente por Silvio Romero e Nina Rodrigues, sistematizaram a estrutura da configuração social brasileira, afirmando que o caráter nacional era a combinação de condições climáticas, raciais e morais. O clima, afirmava Romero, é insalubre, provocando todo tipo de doença, excesso de chuva em algumas regiões, e calor abundante em outras. A natureza é profusa, possui bons frutos, não sofre de nenhum desastre natural como terremotos, furacões e erupções vulcânicas. Em relação à raça, o autor de *O caráter nacional e as origens do povo brasileiro*, de 1871, deixa claro que: “(...) o brasileiro é uma sub-raça mestiça e crioula, nascida da fusão de duas raças inferiores, o índio e o negro, e uma superior, a branca ou ariana. Para evitar a degeneração (...) será preciso estimular seu embranquecimento.”<sup>14</sup>

Lima Barreto, negro, tinha à sua frente a escolha de “apagar a cor” e entrar na correnteza, no fluxo dos escritores consagrados, mas escolheu o oposto. Em seu diário, que o escritor/jornalista começou a escrever em 1903, ele deixa uma pista sobre o que pretendia realizar: “No futuro, escreverei a *História da escravidão negra no Brasil* e sua influência na nossa nacionalidade.”<sup>15</sup>. Ao ver incorporado em seu cotidiano o preconceito científico, Lima Barreto buscou como poucos autores de seu tempo apresentar as condições de vida que os negros e os marginalizados do subúrbio estavam submetidos, uma sociedade que estava apartada dos processos republicanos.

11 BARRETO, Lima. *Recordações do escrívão Isaías Caminha*, p. 235. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1956, volume I

12 GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a organização da cultura*, p. 8. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1968

13 CHAUI, Marilena. *Brasil: mito fundador e sociedade autoritária*, p. 49 São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2000

14 idem.

15 BARRETO, Afonso Henrique de Lima. *Diário Íntimo*, volume XIV, São Paulos: Ed Brasiliense, 1956.



---

Essa temática também está presente em *Isaías Caminha*, de 1909, o personagem-narrador. A história é a reminiscência do menino mulato pobre que saiu de Caxambi, interior do estado do Espírito Santo com uma carta de recomendação do Coronel Belmiro. A missão era entregá-la ao deputado Castro, homem de boas relações na capital. Ao entregar a carta, o deputado rejeita a ajuda. Lima Barreto nos mostra através de Isaías o inevitável: o negro que não consegue vencer por causa do preconceito.

A tônica do racismo científico é apresentado em três momentos: o primeiro quando Isaías está no trem que segue para o Rio de Janeiro, quando um homem branco, apesar de estar posicionado atrás dele na fila é servido antes. Já na capital acontece um roubo no Hotel, o único hóspede que segue para delegacia é o personagem. E o terceiro episódio, quando ele é rejeitado para uma vaga de entregador de pães.

### **A imprensa sob o olhar de Lima Barreto**

No ano da publicação deste romance, os jornalistas ainda não eram regidos por uma ética normativa, não era um grupo de identidade própria. Porém, pelas páginas do livro, Lima Barreto apresenta seu olhar, o que ele via e entendia dos jornalistas, grupo ao qual fez parte até sua morte em 1922. Isaías Caminha, o narrador da história, são os olhos do leitor dentro da redação do fictício *O Globo*. O personagem nos expõe os jornais como polos de poderes relativamente autônomos às instituições de sua época: “Era a Imprensa, a Onnipotente Imprensa, o quarto poder fora da Constituição!”<sup>16</sup>. A sala do diretor do jornal é descrita como um lugar de negociações políticas e financeiras. Os jornalistas como seres vaidosos, donos de prestígio junto ao público, eram vistos como semideuses, protetores. Mas, no entanto, Isaías desconstrói essa imagem, ao colocá-los como homens vazios de ideias e copiadores uns dos outros. As intrigas do mundo jornalístico carioca do início do século XX estão ali, expostas.

Eu não sou literato, detesto com toda a paixão essa espécie de animal. O que observei nêles, no tempo em que estive na redação do *O Globo*, foi bastante para não os amar, nem os imitar. São em geral de uma lastimável limitação de idéias, cheios de fórmulas, de receitas, só capazes de colher fatos detalhados e impotentes para generalizar, curvados aos fortes e às idéias vencedoras, e antigas, adstritos a um infantil fetichismo do estilo e guiados por conceitos obsoletos e um pueril e errôneo critério de beleza.<sup>17</sup>

---

16 BARRETO, Lima. *Recordações do escrívão Isaías Caminha*. Volume I Ed Brasiliense, 1956, p. 174 - São Paulo.

17 BARRETO, Lima *Apud* SILVA, H. Pereira da. *Lima Barreto Escritor Maldito*. Rio de Janeiro: 1976, p. 41.

---

Lima Barreto não poupou críticas à literatura “Sorriso da Cidade”<sup>18</sup>, onde Coelho Neto, Afrânio Peixoto, Machado de Assis e João do Rio eram alguns dos alvos prediletos, por considerá-los vazios e afastados da realidade do povo brasileiro. O jornalista H. Pereira da Silva, ao analisar a trajetória barreteana, nos apresenta um trecho de uma carta trocada entre Lima Barreto e o amigo Austregésilo de Athayde, onde ele deixa claro seu ponto de vista sobre a sua fonte inspiradora:

Sempre achei no Machado muita secura de alma, muita falta de simpatia, falta de entusiasmos generosos, um porção de sestros pueris. Jamais o imitei e jamais me inspirou. Que me falem de Maupassant, de Dickens, de Swift, de Balzac, de Daudet – vá lá, mas Machado nunca! Machado escreve com medo de Castilho e escondendo o que sentia para não se rebaixar: eu não tenho medo da palmatória do Feliciano e escrevo com muito temor de não dizer tudo o que quero e sinto, sem calcular se me rebaixo ou me exalto.<sup>19</sup>

Para Lima Barreto, a influência estrangeira nas letras brasileiras não trouxe em si nenhuma inovação ou algo que contribuísse para refletir os problemas do país. O estrangeirismo era uma invasão ao ponto de confessar que “(...) tenho notado nas rodas que hei freqüentado, (...) uma nefasta influência dos portugueses (...). Ajeita-se o modo de escrever deles, copiam-se-lhes os cacoetes, a estrutura da frase (...)”<sup>20</sup>. Lima Barreto acreditava que a literatura era conteúdo e forma; buscava comunicar-se com a humanidade, devia estar a serviço do bem e não do ego e da fama.

Ele via exatamente isso em seus contemporâneos, uma literatura que não olhava para o seu tempo: “muitos escritores brasileiros são notáveis por sua frivolidade.”<sup>21</sup>. Outro aspecto destacado pelo jornalista, para que um escritor consiga cumprir seu papel social, é a necessidade de uma intelectualidade, de uma visão de mundo pautada na realidade, nos problemas sociais, políticos e culturais. O escritor devia contribuir para derrubar preconceitos e formas de dominações.

A imprensa e a literatura eram importantes instrumentos na disseminação e proteção das mudanças do traçado urbano e dos costumes do tempo da Primeira República, que ficou conhecida como a *belle époque* carioca, numa relação visceral entre poder econômico e manutenção da sociedade de castas. Nos portos chegavam

---

18 Visão da corrente de escritores brasileiros do início do século XX que acreditava que a literatura e arte serviam como forma de requinte, representada principalmente por Afrânio Peixoto

19 BARRETO, Lima. *Apud* SILVA, H. Pereira da. *Lima Barreto Escritor Maldito*. Rio de Janeiro: 1976, p. 41.

20 *idem*

21 BARRETO, Lima. *Apud* OAKLEY, Robert John. *Lima Barreto e o destino da literatura*. São Paulo:Unesp, 2011, p.32.

---

produtos importados, revistas de moda e roupas, a Rua do Ouvidor era a vitrine *chic* da cidade. As mudanças não ficavam apenas no âmbito da arquitetura ou da política, precisavam se expandir e tornar o seu discurso hegemônico, ou seja, burguês.

Fator importante para se explicar esse frisson da novidade que a imprensa anunciava, era a introdução do capital industrial estrangeiro na vida econômica do país. Essa nova forma de dominação chegou ao jornalismo, que se vê atrelado aos interesses do capital vindo de fora do país. Diferentemente de processos revolucionários, como o caso da França, o Brasil não passou por um processo de consolidação de experiências jornalísticas contra-hegemônicas, que disputassem efetivamente a condução da sociedade e que fossem constantemente atualizadas com o desenrolar dos fatos.

Isso fica mais evidente no livro *Moda e Modernidade na Belle Époque Carioca*, 2011, de Rosane Feijão. A autora nos mostra que sem o apoio da imprensa, dificilmente a política conquistaria a opinião pública. O teor disciplinar do discurso, tratado como banalidade, acabou sendo absorvido sem resistências. O processo de europeização visava derrubar os velhos hábitos e ditar novas relações sociais.

“Além de operar modificações no urbanismo e na arquitetura, o projeto ambicionava modificar também os hábitos da população que habitava a Capital Federal, moldando-os a partir da estética e do estilo de vida adotados pela burguesia europeia. A aceitação desses novos padrões foi determinante para a construção de novas aparências para ambos – cidade e habitantes.”<sup>22</sup>

Mais uma vez, a França aparecia como país modelo para justificar a necessidade de mudanças. A exemplo da República, influenciada pelo positivismo francês, a remodelação do Rio de Janeiro foi inspirada na cidade luz. Os bulevares, os quarteirões e os passeios públicos cariocas, do início do século XX, dariam à Paris Tropical o mesmo projeto aplicado na França, pelo barão Gerges-Eugène Hausmann, na metade do século XIX.

No texto, *A imprensa carioca no contexto do capitalismo internacional*, Eduardo Granja Coutinho<sup>23</sup> evidencia essa estreita relação. Ele esclarece que o Brasil estava sob o forte domínio do imperialismo estrangeiro e essa subordinação explica o posicionamento da imprensa burguesa perante a rápida transformação do país em um grande mercado consumidor de produtos industrializados, importados principalmente da

---

22 FEIJÃO, Rosane. *Moda e Modernidade na belle époque carioca*. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2011, p. 17.

23 COUTINHO, Eduardo Granja. In *Comunicação e História: interfaces e novas abordagens*. Rio de Janeiro: Mauad X: Globo Universidade, 2008. Org. RIBEIRO, Ana Paula Goulart ; HERSCHMANN, Micael.

Europa. O jornalismo passa a funcionar como instrumento para disputas de frações da classe dominante.

Nesse contexto, a imprensa ganha importância como instrumento de hegemonia, mediação entre as classes e indução de correntes de opinião, sem detrimento, é claro, de sua antiga função como espaço de luta entre as classes proprietárias. Dentre tantas formas de adulação e pressão utilizadas pelos capitalistas junto aos governos e autoridades, a imprensa era mais uma arma publicitária fundamental para a realização de negócios ou negociações.<sup>24</sup>

Em Isaías Caminha, Lima Barreto esquematiza dois aspectos principais: as relações de poder, tendo o jornalismo como centro, e o racismo. Num paralelo com *Ilusões Perdidas* de Honoré de Balzac, o personagem central vai conhecendo o funcionamento hipócrita e classista da sociedade. O jovem negro que entra como contínuo na redação do jornal e se transforma em repórter descobre como a imprensa funciona, as relações de interesses e os artigos bajuladores de personalidades políticas e literárias. Os jornalistas escrevem com a intenção de obter dinheiro e posições de privilégios, a qualquer custo, e se acham os grandes pensadores da sociedade. No final, todo o sonho de igualdade e ascensão social é descartado. É a impossibilidade imposta pela sociedade que só permite aos brancos e ricos lugares de destaque.

De acordo com Beatriz Resende, professora Titular de Poética do Departamento de Ciência da Literatura da Faculdade de Letras da UFRJ, a literatura de barretiana nos permite percorrer o Rio de Janeiro marginal época dele, pois além de escrever, ele viveu à margem.

A possibilidade de leitura da contribuição de Lima Barreto para a imprensa carioca (...) nos permite acompanhar melhor as preocupações que o tomavam, as *campanhas* jornalísticas que levava adiante, a persistência de seus pontos de vista e, em alguns casos, as modificações que sofriam (...) os textos se transformam, para além de produção literária, em documentos. Nas crônicas de Lima Barreto temos registros da ‘história dos vencidos’ (...) história construída por vezes não oficiais. São a voz de alguém à margem, de um membro da *marginalia*, fora do eixo do poder, do centro hegemônico das decisões políticas (...)<sup>25</sup>

A obra de Lima Barreto se apresenta como uma das experiências mais significativas experiências marginais de comunicação na primeira República.

A intenção do romancista em criar uma comunicação de valores efetivamente humanistas, a insistência em tocar em pontos da vida dos políticos, dos escritores, da

<sup>24</sup> *Idem, Ibidem*, p. 221.

<sup>25</sup> RESENDE, Beatriz. Prefácio em *Lima Barreto Toda a Crônica* Profissão: jornalista, p. 11. Rio de Janeiro: Ed Agir, 2004

dominação imperialista, aparece como a base constituinte, que pudesse retirar do homem o peso das mazelas sociais. Tentativa que ainda se faz necessária.

### Referências bibliográficas

- BARBOSA, Francisco de Assis. *A vida de Lima Barreto*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.
- \_\_\_\_\_. *Lima Barreto: Romance*. Rio de Janeiro: Agir, 2005.
- BARBOSA, Marialva. *História da Comunicação no Brasil*. Rio de Janeiro: Vozes, 2013.
- BARRETO, Afonso Henriques de Lima *Contos Completos; organização e introdução Lilia Moritz Schwarcz*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- \_\_\_\_\_. *Diário íntimo: memórias*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1956 vol. XIV
- \_\_\_\_\_. *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*. São Paulo: Ed Brasiliense, 1956 vol.I
- \_\_\_\_\_. *Triste fim de Policarpo Quaresma*. São Paulo: Ed Brasiliense, 1956
- BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Ed. Cultrix, 1982
- COUTINHO, Carlos Nelson. *Cultura e sociedade no Brasil: ensaios sobre ideias e formas*. São Paulo: Ed Expressão Popular, 2011
- \_\_\_\_\_. *Gramsci: um estudo sobre seu pensamento político*. Civilização Brasileira, 1999
- COUTINHO, Eduardo Granja. In RIBEIRO, Ana Paula Goulart; HERSCHMANN, Micael (org) *Comunicação e História: interfaces e novas abordagens*. Rio de Janeiro: Mauad X: Globo Universidade, 2008.
- \_\_\_\_\_. *Comunicação e contra-hegemonia*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008.
- FEIJÃO, Rosane. *Moda e Modernidade na belle époque carioca*. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2011.
- GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Civilização Brasileira: Rio de Janeiro, 1968
- MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. *A ideologia Alemã*. Expressão Popular. São Paulo, 2012
- PRADO, Antônio Arnoni. *Lima Barreto: Literatura Comentada*. São Paulo: 1981: Abril Educação, 1980.
- RESENDE, Beatriz e VALENÇA, Rachel (org). *Lima Barreto: Toda a crônica, vol II*. Rio de Janeiro: Agir, 2004.
- RESENDE, Beatriz. Intr. *O Subterrâneo do Morro do Castelo*. Rio de Janeiro: Dantes, 1999.
- RIBEIRO, Ana Paula Goulart. *Imprensa e História no Rio de Janeiro dos anos 50*. Tese de Doutorado, em História da Imprensa. Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro/Escola de Comunicação, 2000.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura Como Missão: Tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

SILVA, H. Pereira da. *Lima Barreto Escritor Maldito*. Rio de Janeiro: 1976

SILVA, Luis. *Retratos do Brasil Negro: Lima Barreto*. São Paulo: Selo Negro, 2011